

**LUGAR E CULTURA
URBANA: UM ESTUDO
COMPARATIVO DE SABERES
DOCENTES NO BRASIL**

*PLACE AND URBAN CULTURE: A
COMPARATIVE STUDY OF
TEACHERS' KNOWLEDGE IN
BRAZIL*

*LUGAR Y CULTURA URBANA: UN
ESTUDIO COMPARATIVO DE LOS
SABERES DOCENTES EN BRASIL*

HELENA COPETTI CALLAI

helena@unijui.edu.br

**LANA DE SOUZA
CAVALCANTI**

ls.cavalcanti@uol.com.br

SONIA MARIA VANZELLA

CASTELLAR
smvc@usp.br

Resumo: Este artigo é parte de uma pesquisa sobre *Lugar e Cultura Urbana: os saberes dos professores de Geografia no Brasil*, investigação de caráter interinstitucional que aborda o tema a partir de um estudo comparativo entre as cidades de Goiânia (GO), Ijuí (RS) e São Paulo (SP). O objetivo deste estudo é caracterizar e analisar as concepções dos professores a respeito da cidade e da sua cultura, considerando a possibilidade da cidade ser entendida em função da dinâmica do território. Os dados foram obtidos através de entrevistas, observações de aulas e questionários respondidos por professores de Geografia.

Palavras-Chave: Saberes dos professores; Lugar; Cultura urbana; Educação geográfica.

Abstract: This article is part of a research about *Place and Urban Culture: the knowledge of Geography teachers in Brazil*, an interinstitutional investigation which approaches the theme from the results of a comparative study focusing on the cities of Goiânia (GO), Ijuí (RS) and São Paulo (SP). The objective of this study is to outline and to analyze the teachers' conceptions about the city and its culture, considering the possibility for the city to be understood from the dynamic of the territory. The data came from interviews, class observations and questionnaires answered by geography teachers.

Keywords: Teachers' knowledge; Place; Urban culture; Geographical education.

Resumen: Este artículo es parte de una investigación interinstitucional, a respecto de "Lugar y Cultura Urbana: los saberes de los profesores de Geografía en Brasil", tratando el tema desde un estudio comparativo entre la ciudad de Ijuí(RS), Goiania(GO) y São Paulo(SP). El objetivo del estudio es caracterizar y analizar las concepciones de los profesores a respecto de la ciudad y de su cultura, considerando la posibilidad de que la ciudad sea entendida en función de la dinámica de su territorio. Los datos resultan de entrevistas, observaciones y encuestas hechas a los profesores.

Palabras clave: Saberes de los profesores; Lugar; Cultura urbana; Educación geográfica

Esse artigo apresenta algumas análises a respeito de um estudo sobre os saberes docentes em relação ao conceito de cidade e o ensino de temas relacionados à cidade e ao lugar de vivência. A preocupação referente a essa questão advém das experiências das pesquisadoras, envolvidas com a área do ensino de Geografia, que tem evidenciado dificuldades de uma integração maior entre as teorias elaboradas no âmbito da pesquisa acadêmica e a prática realizada pelos professores dessa matéria de ensino.

Trata-se de um estudo sobre saberes de professores de Geografia no Brasil que visa, pela comparação entre três cidades brasileiras –Ijuí-RS, Goiânia-GO e São Paulo-SP¹, conhecer saberes e práticas docentes desses professores à respeito de sua cidade. Essas cidades têm suas especificidades, como todas e quaisquer outras, mas em sua dinâmica expressam um modo de vida e elementos da espacialidade que são comuns às cidades brasileiras e mundiais contemporâneas.

Pressupostos para investigar o ensino de cidade

Partimos do entendimento inicial de que é importante conhecer os professores de Geografia, seus saberes e sua percepção sobre o lugar em que vivem e onde vivem seus alunos, entendendo que esses professores são portadores de uma cultura que sintetiza sua experiência vivida no local e sua formação acadêmica e profissional. Ao centrar o estudo no conceito de cidade e referenciá-lo como lugar em que o professor vive e trabalha, assim como seus alunos, entendemos ser possível estabelecer as bases para a compreensão de aspectos significativos da realidade do ensino e aprendizagem de Geografia no Brasil.

Nas últimas décadas, os geógrafos pesquisadores no campo do ensino e especificamente da metodologia do ensino de Geografia no Brasil têm procurado produzir teorias e práticas voltadas para as tarefas sociais que essa área profissional deve cumprir. Investiu-se bastante nesses anos em pesquisas sobre o ensino e a metodologia de ensino de Geografia. Foram feitos diagnósticos, colheram-se depoimentos, foram analisados materiais, elaboradas propostas. Nesse contexto as autoras deste artigo têm contribuído com trabalhos específicos sobre essa questão, predominantemente voltados às problemáticas da formação do professor e da metodologia do ensino de Geografia².

Como resultante desse investimento é possível constatar a intensidade destas discussões e o interesse de professores da educação básica a respeito do assunto. Um a das recomendações que resultam dessas investigações é a de se considerar o cotidiano, o espaço vivido dos sujeitos do processo de ensino, como referência concreta para o encaminhamento da prática do ensino de Geografia. Isto posto, é fundamental entender as

¹ A pesquisa realizada é coordenada na cidade de Ijuí, por Helena C. Callai, da Unijuí, em Goiânia, por Lana de S. Cavalcanti, da UFG e em São Paulo, por Sônia M. V. Castellar, da USP.

² Dentre eles, podem-se destacar: Callai (2001, 2003a, 2003b); Castellar (1999, 2003, 2005), Cavalcanti (1998, 1999, 2001, 2002 a).

concepções do professor, como um dos sujeitos do ensino, sobre esse cotidiano, sobre esse espaço vivido e compreender como essas percepções podem e têm ajudado na formulação das suas propostas de ensino. Para compreender o lugar de vivência e a relação que o professor estabelece com ele, tomou-se como foco a *cidade*.

A cidade é aqui considerada como tema do ensino porque, em primeiro lugar, é a referência básica para a vida cotidiana da maior parte das pessoas. Ela é local de moradia de um grande contingente populacional; nela se produz e se decide a produção de uma grande parte de mercadorias e de serviços; nela circulam pessoas e bens; nela, também, se produz um modo de vida (LEFEBVRE, 1991; CARLOS, 1992). Todo esse movimento mostra que na cidade estão materializadas, por um lado, a dinâmica do capital e, por outro, a dinâmica da sociedade; ambas se expressam contraditoriamente na prática cotidiana dos cidadãos.

A cidade é uma expressão da complexidade e da diversidade da experiência dos diferentes grupos que a habitam. Seu arranjo vai sendo produzido para que cada habitante possa viver o cotidiano, compartilhando desejos, necessidades, problemas com os outros habitantes. Ela é, nesse sentido, espaço da vida coletiva, espaço público. Para viabilizar essa vida coletiva, seus gestores contam com vários agentes educativos (órgãos de planejamento, agências de segurança, de trânsito e ambientais, escolas, ONGs). Mas, a cidade é, em si mesma, um espaço educativo. A cidade é educadora: ela educa, ela forma valores, comportamentos, ela informa com seu arranjo espacial, com seus sinais, com suas imagens, com sua escrita (BERNET, 1987). Ela também é um conteúdo a ser apreendido por seus habitantes. É no exercício da cidadania, e no espaço cotidiano da cidade, que seus habitantes podem se reconhecer como agentes possuidores de direitos e deveres nesse processo de produção.

Dessa discussão teórica, surgiram questões mais específicas para a pesquisa realizada e apresentada nesse artigo: em que medida os cidadãos têm tido nas cidades brasileiras o direito de viver, de circular por suas cidades e seus lugares, de consumir seus lugares e de consumir nesses lugares? Em que medida os jovens cidadãos têm tido conhecimento de sua cidade, de seus problemas, de seus projetos, e de suas possibilidades? Até que ponto a escola, por meio do ensino de Geografia, tem contribuído para que esse conhecimento ocorra, trabalhando sistematicamente com o tema da cidade, por meio de veiculação de conteúdos das cidades onde vivem seus alunos e das cidades brasileiras em geral; da promoção de atividades que propiciem o contato mais direto dos alunos com lugares da cidade?

Pode-se discutir estas questões na perspectiva de que representem a alternativa a um desenvolvimento pleno da cidadania sem, no entanto, deixar de considerar que vivemos num mundo que é extremamente contraditório. Mesmo em um lugar cheio de semelhanças, com as marcas de identidade explicitadas, não é raro encontrar grupos com interesses diversos. E aquilo que parecia homogêneo se mostra bem diferenciado, exigindo atenção para com a diversidade, porque estão mascaradas as diferenças. Cada lugar pode ter

marcadamente uma ou outra característica comum, mas é importante destacar as singularidades.

Reconhecer que existem potencialidades no lugar e que as pessoas tem capacidades, muitas vezes para além do que lhes é exigido e até permitido, já é um passo na busca de construção de um lugar solidário para a vida de todos que ali vivem. Mas, acima de tudo, é muito importante ter a compreensão do que está acontecendo, seja no lugar, seja no mundo. Essa busca gera necessariamente um processo de aprendizagem, com significado, para cada um e para o conjunto da sociedade. E nestas análises consideramos que este lugar é a *cidade*. A cidade em que cada um vive, onde esta localizada a escola, onde as pessoas e o capital circulam, na qual se constrói a idéia de urbanidade.

O foco no lugar e na cidade remete à escala social de análise que, ao ser considerada, relativiza as verdades e as ações das pessoas, no sentido de compreender as nuances contraditórias da realidade em que vivemos. Um estudo sobre o que é esse lugar e qual a “força do lugar” (SANTOS, 1996) pode ser um desafio, também, para professores e estudantes. É desafiador porque pensar o lugar de vivência, ou a cidade, implica compreender o sentido de identidade e de pertencimento, considerando, portanto, o fenômeno urbano em escala local.

O lugar é o território apropriado, que demonstra em si, através de rugosidades, a história das vidas que ali foram e estão sendo vividas. Dessa forma, o lugar é o resultado das relações, das histórias em diferentes tempos, porém gera necessidades, exige definições, impõe limites e apresenta possibilidades. Não se trata de determinismos físicos ou naturais, como por muito tempo se considerou na base das civilizações, mas do reconhecimento de que o lugar adquire um poder, que é político e que pode dar os contornos para a ação humana. Então, todos são responsáveis pela construção e são capazes de deixar suas marcas nos espaços vividos.

Nessa linha de raciocínio, a escola apresenta uma grande capacidade para enfrentar o desafio de compreender o lugar, tanto do ponto de vista da produção e organização espacial quanto das mobilizações dos grupos sociais.

A escola e a cidade educadora: uma abordagem da pesquisa

Entendemos que a escola é uma das instâncias da formação da cidadania e a partir dela pode-se estabelecer, por meio do ensino da Geografia, a discussão sobre se a cidade educa e se os estudantes e os demais moradores cuidam da cidade, no seu entorno doméstico, nos seus locais de convívio. E também, da mesma forma, se a cidade acolhe os cidadãos e se estes a respeitam ao interferirem na sua produção do espaço urbano.

A nossa intenção, portanto, ao fazer este estudo foi a de apreendermos elementos da cultura urbana de professores de Geografia a partir de sua vivência em espaços urbanos diferentes, no entendimento de que o professor é agente do processo de ensino e

aprendizagem, portador de uma cultura que lhe permitiu conhecer e analisar espaços urbanos numa perspectiva de totalidade.

A análise de elementos da cultura urbana dos professores de Geografia contribui para uma melhor compreensão dos processos didáticos que ocorrem no espaço escolar, que é síntese de culturas e que deve ser assim considerado, subsidiando nesse sentido a reflexão sobre caminhos de formação inicial e continuada de professores.

Entendemos que o professor deve ter, em sua formação inicial, um grau de discussão teórica que lhe permita compreender as categorias geográficas e as formas como ocorrem a apropriação dos conceitos e a aprendizagem do aluno. Caso contrário, a formação inicial já começa debilitada, pois, caso o professor não tenha clareza sobre a dimensão dos seus saberes, não conceba a construção de conceitos e a aprendizagem significativa como determinantes no processo, como fazê-lo romper com a prática tradicional? E como se farão as mudanças no ensino de Geografia? Nesse sentido, ao verificar dados e informações de professores dessas três cidades, foi possível constatar como são tratados temas específicos da Geografia, que se caracterizam como questões significativas para o estudo da cidade e dos problemas urbanos no mundo atual.

Essa pesquisa permitiu, também, analisar a situação de aprendizagem e a compreensão que os professores têm dos conceitos geográficos e cartográficos. Consideramos que os conteúdos da Geografia escolar deveriam ser trabalhados na perspectiva das mudanças conceituais – dos conceitos de senso comum para conceitos científicos -, levando o professor a mediar o processo do aluno de passar de um estado de menor conhecimento para um estado de maior conhecimento. Para que o professor possa repensar sua prática - e fazer mudanças concretas - com esse propósito é preciso descobrir outros padrões de aprendizagem, a partir de uma rede de significados. No entanto, não há fórmulas prontas e acabadas; existem, sim, possibilidades de se ter êxitos saindo do imobilismo, atuando na perspectiva de utilizar estratégias diversificadas ao abordar conteúdos na busca de novas situações de aprendizagem.

Durante a pesquisa nos deparamos com duas questões que estão interligadas: uma é a construção conceitual das crianças sobre as cidades em que vivem; a outra é como o professor desenvolve o seu trabalho e como ocorre o seu processo de construção conceitual para que possa orientar seus alunos.

A partir dessas questões buscamos analisar, através de entrevistas, o perfil de professores de Geografia em relação aos aspectos da sua formação, das condições de trabalho e de seus saberes e práticas relacionadas ao tema da cidade. A análise de dados coletados será apresentada sinteticamente nos tópicos seguintes do texto³.

Os professores de Geografia e o ensino de cidade

³ Os relatórios das pesquisas de cada cidade, com a metodologia descrita e a apresentação de todos os dados levantados estão disponíveis nos laboratórios das Instituições a que pertencem cada uma das investigadoras.

No contexto da pesquisa realizada nas três cidades brasileiras, dentre as várias questões investigadas destacamos aqueles aspectos que consideramos pertinentes para exposição nesse artigo. Também julgamos significativo demonstrar esses aspectos a partir das singularidades que conseguimos captar em cada grupo de professores, em cada uma das cidades.

A – O caso de Ijuí-RS

No contexto de entrevistas, os professores responderam como entendem a cidade.

Suas respostas podem ser agrupadas em três segmentos:

1°. Aquele que trata das questões físicas do espaço e considera a cidade como um lugar onde se apresentam aspectos materiais, na maioria das vezes aparentes, que demarcam o urbano. Foram citadas idéias como: *meio urbano; centro urbano; a zona urbana do município; o local onde situam-se o centro e os bairros; zona urbana de um município; o espaço delimitado pelos limites urbanos; sede do município, onde estão as atividades essencialmente urbanas; um espaço urbanizado com características próprias; um aglomerado de edifícios, moradias, etc.*

2°. Aquele que entende a cidade como um lugar fisicamente delimitado que acolhe uma população com atividade econômica diferenciada. Foram citados elementos como: *o meio urbano é o espaço constituído pela cidade, que se dedica às atividades secundárias e terciárias; é um aglomerado físico onde se encontram serviços, onde se manifesta a vida das pessoas; uma área densamente povoada onde se concentram os principais serviços e produtos necessários à sobrevivência da população.*

3°. Aquele que incorpora em suas respostas a noção de poder e das relações sócio-espaciais. Alguns elementos foram citados, como: *local urbano de relações de produção; centro de relações de pessoas de outras áreas, em busca de bens e de serviços, comercialização e muitas outras atividades.*

Numa questão da entrevista que refere a como ensinam geografia urbana e quais são seus objetivos ao ensinar, pode-se considerar quatro grupos de respostas:

Grupo 1 – as respostas estão centradas na questão do estudo do lugar, do meio em que vivem os estudantes, indicando, no entanto, que os estudos são realizados de forma linear e descritiva. Algumas referências dadas à postura de entendimento da realidade em que vivem permitem pensar que, ao nível da intenção, está presente uma postura de engajamento nos problemas da vida cotidiana. Algumas respostas foram: *conhecer o meio ambiente, o lugar onde mora; relacionar os temas abordados à realidade cotidiana; desenvolver uma postura ativa e comprometida com a busca de soluções; conhecer, analisar, interpretar, relacionar o teu comportamento com o espaço coletivo.*

Grupo 2 – nesse grupo pode-se constatar a intenção de se dar ênfase à cidadania, sugerindo o posicionamento do aluno como sujeito que produz o seu espaço e que tem um

papel a realizar na sociedade em que vive. Foram citadas: *que o educando perceba-se como membro integrante e agente das transformações; sensibilizar o aluno ao olhar geográfico, ou seja, ao olhar crítico para ações que levem à construção de um espaço público justo e com qualidade de vida; que o aluno consiga perceber a importância da cidade para o cidadão se constituir verdadeiramente participante buscando a qualidade de vida e interagindo “nesse espaço urbano”.*

Grupo 3 – as respostas nos remetem ao enfoque metodológico, por considerarem a escala de análise, a diferenciação dos espaços geográficos, a dimensão de espaço e tempo, e a interligação das ações humanas com a produção do espaço. Foram citadas: *que o aluno consiga fazer associações do espaço em que vive e o mundo que o cerca; é compreender o espaço, como as pessoas se relacionam nesse espaço, as suas necessidades, desejos, etc. - que o aluno tenha a capacidade de observar, analisar, interpretar e criticar a realidade.*

Grupo 4 – refere-se às questões especificamente do conteúdo da Geografia urbana, com poucas citações. São professores que demonstram entender que a questão urbana vai além do estudo da cidade local, onde vivem os alunos. Foram citados: *que os alunos saibam pelo menos diferenciar urbano do rural; compreender a dinâmica das cidades, identificar as características do processo de utilização e entender que esse envolve modificações sociais, econômicas e territoriais.*

Noutra questão ao serem perguntados sobre o que consideram ser os principais problemas urbanos em Ijuí, apontam as questões de: - *Desemprego*: a falta de indústrias para criar empregos; os migrantes vêm buscar emprego e caem na marginalidade; os altos índices de pobreza e a conseqüência dessa situação gerando violência e roubos. Da mesma forma, são identificados os problemas decorrentes de um crescimento urbano desorganizado; as periferias desorganizadas e a falta de creches. - *Segurança pública*: problema que se faz presente de modo muito acentuado em todos os lugares. Como primeira referência nesse conjunto é apresentada a falta de um quadro de efetivos de policiais mais amplos, a violência pessoal, a violência no trânsito, o roubo e o assalto. - A questão *habitacional*: habitação, especulação imobiliária, moradia, descuido com as ruas nos bairros, que pode ser interligada com a estrutura arquitetônica, e aliada ao problema da consciência dos usuários, da falta de conscientização com os problemas. - Aspectos *ambientais* que se caracterizam pelo saneamento: falta de tratamento de esgoto, saneamento básico reduzido ou inexistente em bairros menos favorecidos, falta de uma estação de tratamento de esgoto, falta de rede de esgoto; em relação ao lixo: a falta de reciclagem e a coleta seletiva; já a poluição ambiental envolve a poluição sonora e a visual. - *Trânsito*: o problema do congestionamento; aspectos de transporte na área urbana, com carga e descarga que é prejudicial ao ambiente; transporte urbano precário, agregado às ruas com má sinalização, com falta de iluminação pública, falta de cuidados na manutenção das vias públicas.

Como se observa nesse elenco de problemas urbanos apresentados pelos professores

os temas recorrentes são as problemáticas que têm como consequência a ausência do poder público na organização do espaço urbano, atribuindo aos gestores toda a responsabilidade. Pode-se talvez constatar a dissonância com a postura de desenvolver a cidadania expressa noutros momentos, em que conclama aos sujeitos serem agentes efetivos na produção do espaço.

B - O caso de Goiânia-Go

A respeito de saberes geográficos, investigou-se, junto aos professores, suas concepções sobre lugar e cidade. Quanto ao conceito de lugar, 21,6% o compreendem como uma parte determinada do espaço terrestre, com definições como: *“porção do espaço terrestre conhecida por um nome”*, *“qualquer espaço que ocupamos é um lugar”*, ou com definições que destacam aspectos mais subjetivos para se referir ao conceito: *“é o referencial espacial da intimidade das emoções”*, *“espaço especial carregado de valores”*. Mas, um componente mais subjetivo nas definições de lugar aparece mais explicitamente em 27,5% das respostas, que indicam o conceito de lugar como espaço vivido, com definições que expressam a compreensão de que lugar é um local de vivência das pessoas: *“é o espaço onde o indivíduo vive”*; *“é uma porção do espaço que você conhece e tem algum contato”*. Um outro grupo de respostas (21,6%) traz definições mais genéricas, ora apontando para uma compreensão de lugar como associado à afetividade, à identidade, à produção de cultura, a um modo de vida; ora ao específico, à escala, ao tamanho. Pela variedade de respostas, pode-se inferir que há uma associação bastante forte de lugar com o vivido localmente pelas pessoas, ficando menos perceptível a compreensão de suas relações contraditórias e das determinações desse local com processos e fenômenos definidos e vividos globalmente.

Quanto ao conceito de cidade, a maioria dos professores (53%) apresentou definições que fazem referência à paisagem, ou seja, privilegiando a forma e a disposição dos objetos, as pessoas e seus movimentos: *“concentração de pessoas, habitações”*, *“é um aglomerado de pessoas, onde existe uma organização política e também é munido de infra-estruturas”*. Em outro grupo (15,5%), a cidade foi definida pelas relações que são nela e com ela estabelecidas: *“é o espaço criado e recriado em que o ser humano desenvolve suas atividades”*, *“palco de atividades relacionadas à indústria, moradia, lazer, comércio, enfim, atividades que se referem ao urbano”*. Foi possível detectar ainda um outro grupo (8%) com definições que apresentam elementos, simultaneamente, dos dois tipos anteriores: *“é um espaço onde há um aglomerado de pessoas procurando vários tipos de serviço, é onde as atividades econômicas estão aglomeradas”*. Um quarto grupo (8%) apresenta uma definição da cidade como palco de contradições, onde há um confronto entre o capital e a cidade: *“espaço construído pelos cidadãos, porém de controle e dominação do capital”*; *“é o lugar do conflito, da manifestação das contradições, etc”*.

Pelos dados obtidos percebe-se que predomina um conceito de cidade ligado à sua

expressão formal, à sua paisagem, ou às atividades que nela se realizam. Além disso, percebe-se que, ainda que alguns professores levantem aspectos mais estruturais da dinâmica da cidade, os elementos contraditórios, as determinações mais globais, e mais estruturais da sociedade ainda são pouco presentes nas definições dos professores.

Sobre o espaço urbano de Goiânia é possível perceber a coincidência de alguns elementos de análise, que foram interpretados como sociais, ambientais e de planejamento/crescimento urbano. Quanto ao primeiro aspecto, muito presente nos depoimentos, os professores o destacam para análises positivas do espaço, como: *espaço sem exagero de conflito* ou para análises negativas, como: *é um espaço cheio de contrastes, de muitos problemas ambientais e sociais*. Em relação aos problemas ambientais, predominam as respostas em que os professores apontam elementos negativos, como: *precisa ser revitalizado. Por causa de problemas ambientais*. O maior número de respostas faz referência ao tema do crescimento urbano desordenado e do planejamento, ou falta de planejamento, com argumentos como: *crescimento desordenado associado principalmente à ação política, uma cidade planejada. Urbanizada, arborizada, o espaço urbano da cidade não foi todo planejado, houve um crescimento muito rápido sem as devidas infra-estruturas como saneamento básico, segurança, saúde e educação*.

Percebe-se que, diferentemente das respostas quanto ao conceito de cidade, aqui os professores destacam, um pouco mais, aspectos mais estruturais para fazer análise de um espaço específico, que é Goiânia, ainda que expressando uma idéia de que os problemas vivenciados pela sociedade, neste espaço urbano, têm sua raiz na falta de planejamento, e, sendo assim, sua solução é de ordem técnica.

Sobre os principais problemas urbanos de Goiânia, a conclusão é que entre os principais estão: transporte e trânsito; problemas ambientais e habitação. O destaque aos problemas de transporte e trânsito permite inferir que, para os professores, o deslocamento cotidiano no espaço intraurbano constitui-se como um fator de extrema importância ao se analisar uma cidade, e os dados parecem revelar que atualmente este é o problema “número um” quando se fala em cidade de Goiânia, e que, infere-se, trata-se de um serviço que os gestores não têm oferecido satisfatoriamente. Sabe-se que esse é um problema a ser ressaltado na maior parte das metrópoles e nas grandes cidades brasileiras, porém a frequência com que ele aparece aqui evidencia sua importância para o caso de Goiânia.

Pelo que foi evidenciado anteriormente, sobre os dados coletados quanto ao espaço urbano de Goiânia, pode-se dizer que os saberes dos professores vão ao encontro do que a pesquisa científica tem mostrado: como um espaço planejado, mas que sofreu um crescimento urbano intenso, desordenado, o que acarretou muito dos problemas que nele são vivenciados, entre os quais o das desigualdades sociais, o da segregação socioespacial. Portanto, os elementos que foram levantados pelos professores parecem, até o momento, bastante pertinentes e importantes para a análise do urbano em Goiânia, ainda que requeiram aprofundamento para tornarem-se instrumentos relevantes para os alunos, para o

desenvolvimento de seu pensamento espacial, para o exercício de sua cidadania.

C- O caso de São Paulo-SP

Analisando as respostas dos professores em relação ao que pensam sobre os conceitos de lugar, de cidade e quais são os principais problemas urbanos obtivemos respostas com ênfase na cultura de senso comum. Quando os professores afirmam nos questionários qual a concepção de *lugar*, a maioria faz comentário como, por exemplo: *onde cada indivíduo ocupa; qualquer espaço da superfície; envolve relações sociais; algo que está próximo*. Essas respostas indicam que o conceito, ou seja, a idéia formada se fundamenta em informações cotidianas e não em bases teórico-metodológicas. Esses dados nos permitem inferir que há falta de análise teórica em relação ao que vem a ser o conceito de *lugar* para eles. Na análise dos questionários observamos que o padrão das respostas considera alguns aspectos estruturais quanto ao conceito de cidade, para eles o conceito de cidade é: *“cidade é um lugar urbanizado; onde encontramos recursos; local das atividades; transformado de forma que tem problemas urbanos; onde moro..”*. Essas são algumas respostas que também evidenciam um senso comum, linearidade e superficialidade, ou seja, demonstram falta de fundamentação teórica para explicar o que é conceitualmente cidade.

Ao tratarmos dos problemas urbanos os professores destacaram os aspectos negativos em relação à cidade, que ficaram claros nos conteúdos das respostas, nas quais foi possível perceber a contradição de algumas delas em torno dos destaques dados aos fenômenos urbanos interpretados como sócio-ambientais e de falta planejamento urbano. Os professores destacaram em suas análises sobre o espaço urbano de São Paulo questões como: *“é uma cidade com muita violência, com problemas ambientais e sociais”*, *“que tem falta de saneamento básico e infra-estrutura”*; *“com desigualdade social”*; *“com enchentes e problemas de trânsito”*; *“falta de moradia e mal planejada”*. Em relação aos problemas ambientais, predominam as respostas em que os professores apontam elementos negativos, como: *“poluição atmosférica, enchentes e falta de vegetação”*; *“grande fluxo de pessoas, veículos, um pouco desordenada”*. O maior número de respostas faz referência ao tema do crescimento urbano desordenado e falta de planejamento, com argumentos como: *“crescimento desordenado associado principalmente à ação política”*; *“crescimento muito rápido sem as devidas infra-estruturas, como saneamento básico, segurança, saúde e educação”*. Não houve nenhuma resposta que abordasse aspectos positivos em relação à cidade. É importante destacar que para além dos problemas urbanos, em sala de aula, devemos tratar as questões urbanas também do ponto de vista teórico-metodológico, ou seja, separar as concepções de cidadãos das concepções teóricas do professor de geografia. Isso significa ter clareza dos conceitos geográficos.

A observação dos dados permite concluir que alguns problemas urbanos tais como transporte, problemas ambientais e falta de habitação são os que se destacam nas respostas do grupo de professores. No entanto, a associação dos problemas trânsito e transporte,

que somados permitem inferir que, para os professores, o deslocamento cotidiano no espaço intraurbano constitui-se em fator de extrema importância ao se analisar uma cidade, e os dados parecem revelar que atualmente este é o problema sério para quem vive no município de São Paulo, é um serviço que a administração pública não dá conta de resolver satisfatoriamente.

Sabe-se que esse é um problema a ser ressaltado na maior parte das metrópoles e nas cidades brasileiras de porte médio, porém, a frequência com que ele aparece aqui evidencia um destaque para essa questão em São Paulo. Além do mais, esse destaque ainda é maior quando se observa que os problemas ambientais que foram agrupados nos remetem as questões diversas, como: *a poluição das águas, a poluição sonora, o lixo, a poluição dos mananciais, a impermeabilização do solo, a ocupação de áreas de risco, as ilhas de calor nos centros urbanos, a falta de equipamentos de saúde e de lazer também aparece dentre os problemas urbanos.*

O que se constata é que os saberes dos professores ainda estão fundamentados em aspectos genéricos em relação à compreensão conceitual, levando em consideração apenas informações empíricas do cotidiano, mas sem uma análise mais articulada entre os fenômenos urbanos e as discussões teóricas. Leva-se em consideração que a falta de planejamento é o problema, que houve um crescimento urbano intenso, desordenado, gerando inúmeros problemas vivenciados pela população. Aspectos como desigualdades sociais, segregação socioespacial, exclusão cultural em função da falta de políticas públicas, não foram citados por nenhum dos entrevistados.

Nesse sentido, apesar de que os elementos citados pelos professores sejam pertinentes e importantes para a análise do urbano em São Paulo, e que possam tornar-se instrumentos relevantes para os alunos, ainda são superficiais, pois não há articulação entre o embasamento teórico e os fenômenos do cotidiano, para que se estimule, entre outras habilidades, o desenvolvimento do pensamento espacial.

Dificuldades reconhecidas pelos professores de Geografia para trabalhar com temas da cidade

Um dos problemas destacados pelos professores, em relação ao trabalho docente com o tema da cidade, é a falta de material ou de acesso a materiais específicos sobre as cidades. No entanto, é preciso alertar para o fato de que o material pode ser construído a partir dos dados da realidade vivenciada por eles mesmos. Considerar, pois, a própria realidade cotidiana como um laboratório, a partir do qual se articula a outras escalas de análise, é um desafio constante nas ações de formação docente. Pode-se, então, utilizar conceitos que permitam encaminhar o estudo desta realidade de modo a não permanecer na descrição de paisagens e/ou situações, realizando análises mais contextualizadas do mundo globalizado.

Nas respostas dos professores de Ijuí sobre que materiais utilizam para preparar

suas aulas de Geografia urbana está expressa a interpretação anterior, que o estudo do urbano e da cidade é para eles apenas o estudo do lugar. Nas respostas destacamos às possibilidades locais, seja de material, de estudos de campo, de entrevistas com pessoas, de visitas, conforme indicam as citações a seguir: *documentos, visitas ao museu, viagens de estudo, visitas a bairros, museus, área rural, pesquisa em material bibliográfico do município, pesquisa bibliográfica em geral, estudo da realidade dos alunos, pesquisa sobre a cidade, olhar a paisagem local, descrever paisagens, meios de comunicação escrita e falada, urbanistas e Lei Orgânica.*

No caso dos professores de Goiânia, os dados revelam que a grande dificuldade de acesso a materiais de investigação geográfica sobre essa cidade é um dos grandes obstáculos a um trabalho docente mais consistente com essa temática. Com efeito, os dados evidenciam uma incipiente relação entre Escolas e Universidade, particularmente no âmbito do IESA/UFG. Segundo afirmaram em entrevista, eles, apesar de trabalharem o tema cidade em suas aulas e de fazerem leituras sobre a cidade de Goiânia, não têm como fonte dessas leituras os estudos realizados pelas instituições de ensino superior. Já em São Paulo também há dificuldade em se ter acesso a materiais produzidos pelas instituições públicas e privadas. Uma reclamação por parte dos professores é que por falta de divulgação ou acesso acabam desconhecendo os livros, os documentos e os mapas produzidos sobre a cidade.

As respostas dadas pelos professores das três cidades são próximas em relação ao que gostariam de ter acesso; muitos afirmaram a importância de se ter diferentes tipos de mapas, outros disseram que sentem necessidade de acesso aos dados pesquisados pelo IBGE e outros órgãos regionais.

Além das dificuldades apresentadas, merece ainda destaque a questão do livro didático e do seu uso pelo professor. Segundo declararam em entrevistas, os professores entendem que os livros abordam problemas urbanos como a degradação ambiental/poluição, transporte/trânsito, segurança/violência, que são para a maioria deles problemas relevantes nas grandes cidades brasileiras. No entanto, muitos depoimentos sobre o conteúdo e o modo como utilizam o livro didático destacam o fato de que a realidade urbana analisada no livro tem como referência básica as grandes metrópoles brasileiras, principalmente da Região Sudeste, e não cidades como Goiânia, e que, assim, eles necessitam “adaptar” os temas tratados à realidade do aluno. Ressalta-se a mesma constatação de parte dos professores de Ijuí, em relação ao ensino da cidade, em que precisam trabalhar com informações “da cidade grande”, o que é agravado quando se percebe que existem muitas cidades pequenas e médias, no território brasileiro.

A inexistência de material didático para o estudo da cidade tem sido, portanto, salientado como motivador das dificuldades que existem para tratar do assunto. Na realidade é pequena a produção existente em todos os lugares, especialmente pelo fato de não ser economicamente rentável produzir um livro que terá uma venda restrita no caso, por exemplo, de cidades pequenas e mesmo de cidades médias.

Reafirmação da relevância do ensino da cidade

Os dados levantados na pesquisa revelam dificuldades para um trabalho efetivo com a temática da cidade no ensino de Geografia em escolas da rede pública. Mas, eles também indicam caminhos para a superação dessas dificuldades. É possível destacar, por exemplo, dois aspectos, com o intuito de reafirmar a pertinência de investimentos da pesquisa nesta linha. O primeiro deles está relacionado à abertura dos professores de Geografia para trabalharem com temas da cidade, por entenderem sua complexidade e por considerarem que ela faz parte do mundo vivido pelos alunos e por eles próprios. O segundo diz respeito à necessidade de estreitamento das relações entre Universidade e escolas de ensino básico, ou mais especificamente, entre Cursos de Geografia e práticas de ensino de Geografia no ensino básico, particularmente quanto ao conhecimento e ao debate sobre temas urbanos.

O primeiro aspecto está ligado aos saberes docentes sobre a temática estudada, o que aqui está sendo tomado como elemento da cultura urbana⁴. Os depoimentos e as práticas dos professores sujeitos da pesquisa revelam sua consciência de que é preciso trabalhar com a realidade do aluno, com o mundo cotidiano do qual ele participa e de que as cidades estudadas são espaços urbanos em constante e acelerada expansão, que apresentam problemas de ordenamento territorial, muitas vezes atribuído à falta de planejamento. Essas questões colocam responsabilidades para os formadores de professores de Geografia, em cursos de formação inicial e continuada, de propiciar oportunidades ao professor de discutir aspectos relevantes do espaço urbano e de conhecer fatos e fenômenos da dinâmica do espaço intra-urbano das cidades na atualidade e em seu processo histórico.

Quanto ao segundo aspecto, é preciso destacar que as investigações geográficas, no âmbito da academia, têm evidenciado, nas cidades estudadas, como partes de um país da América Latina, em seu contexto de extrema desigualdade social e elevada concentração de renda, ambos aspectos expressos em seu arranjo espacial interno. Como processos correlatos a esse contexto ocorrem: um processo de expansão intensa e rápida de sua malha urbana, acarretando em contrastes na paisagem entre áreas valorizadas e áreas pobres; uma verticalização intensa; uma fragmentação do território; uma devastação ambiental aliada a um comprometimento da qualidade de vida na cidade. O estudo das três cidades se colocado em uma escala global estão inseridas em um mundo capitalista, cujo modelo do capital destaca a flexibilidade e a tecnificação no processo produtivo, portanto há problemas que são os mesmos em proporções menores ou maiores e que

⁴ Entende-se cultura como uma teia de significados tecida pelo homem. Seu estudo significa compreender como esses significados são produzidos, percebidos e interpretados, e como eles atuam no processo de identificação do homem com seu grupo social e com o seu ambiente. Esse conceito está em íntima relação com o de identidade do sujeito, entendendo esta identidade como aberta, provisória, histórica, contraditória (GEERTZ, 1989 e HALL, 1997).

podem ser conectadas a uma rede global. Essa realidade coloca Ijuí, Goiânia e São Paulo, inseridas, como afirmam Blanco e Gurevich (2002), em redes de relações funcionais, em múltiplas escalas de análises.

Por outro lado, mas em profunda articulação com os aspectos abordados anteriormente, as pesquisas acadêmicas têm também revelado essas cidades em seus elementos “imateriais” (BLANCO e GUREVICH, 2002), um conjunto variado de símbolos, representações, idéias, tecnologias. Abordando os agentes da produção cotidiana desses espaços - sujeitos locais e globais, sujeitos que tem participação efetiva na gestão, na economia, mas também sujeitos que vivem cotidianamente a cidade, a consomem, a produzem – os estudos evidenciam aspectos culturais, maneiras pelas quais as pessoas (inclusive professores e alunos de Geografia) entendem seu ambiente e suas ações nesse ambiente, quais as percepções que tem do mesmo, como o simbolizam, que significados dão a eles.

Todos esses são elementos destacados na investigação geográfica e tomados como importantes na composição dos saberes docentes sobre a cidade, são necessários, portanto, para compor a Geografia urbana escolar. Trata-se de ter como referência a *cidade*, articulando algumas áreas do conhecimento, ampliando sua compreensão pelo aluno. E destacar, no currículo de Geografia, *a cidade e a cultura urbana* como tema de projeto educativo significa compreender a sua função, a sua gênese e o processo histórico no qual foi produzida, como conteúdo formativo e ao mesmo tempo como um método de análise dos fenômenos e das relações que os estruturam. Fazer da cidade um objeto de educação geográfica busca, portanto, superar a superficialidade conceitual e estabelecer uma relação mais eficaz entre o saber formal e o informal sobre a espacialidade cotidiana.

Desse modo, os alunos podem descobrir que a cidade é mais do que uma decodificação das informações que ela revela na sua aparência. A cidade passa a ser entendida pela dinâmica do território, o que requer o uso de escalas de análise que estabelecem o nível de interpretação do que se investiga e das escalas cartográficas para se localizar nos mapas os fenômenos geográficos.

Ao se estudar as cidades observam-se as áreas comerciais, o centro histórico, as áreas residenciais, as formas de ocupação regular e irregular, constata-se a exclusão social expressa e materializada na exclusão geográfica. Desse modo, ao investigar o espaço o aluno pode compreender o valor da cidade, estabelecer sentido ao lugar de vivência e ao sítio a partir de relatos ou histórias dos moradores, pode ainda, caracterizar a paisagem observando a complexidade dos elementos locais, incluindo as culturas locais e singulares, contextualizadas em diferentes perspectivas: econômicas, sociais, ambientais e culturais.

Essa compreensão da cidade e do espaço urbano permite a construção de um eixo temático de análise: cidade e cultura. Nesse caso destaca-se o eixo *aprender a cidade* que significa aprender que ela não é estática, mas dinâmica, para a qual fluem, por exemplo, informações e cultura. Nessa perspectiva torna-se relevante compreender a cidade como um lugar que abriga, produz e reproduz culturas, como modo de vida materializado

cotidianamente.

Também se destaca *aprender com a cidade*, que significa facilitar e socializar o processo de aprendizagem com o recurso da cidade, porque os alunos poderão articular os conceitos científicos em redes de significados, e em diferentes áreas de conhecimento escolar. Desse modo os alunos poderão elaborar roteiros a partir da observação do cotidiano, fazer leituras de cartas e mapas, além de organizar instrumentos de pesquisas para descobrir, ampliar seus conhecimentos e analisar as várias cidades e itinerários que existem em uma cidade. Nesse sentido, cabe perguntar: como criar um pensamento pedagógico que torne a cidade o fenômeno e o local onde se materializa a educação geográfica? Nesse contexto, Bernet (1993) corrobora com essa análise ao afirmar:

La escuela-ciudad constituye también una estrategia pedagógica de tipo propedéutico para formar al ciudadano adulto. Así, Piaget, comentando favorablemente el self-government, escribía: 'Más que imponerse a los niños un estudio completamente verbal de las instituciones de su país y de sus deberes ciudadanos, está efectivamente muy indicado aprovechar los tanteos del niño en la constitución de la ciudad escolar para informale sobre el mecanismo de la ciudad adulta' (BERNET, 1993, p. 194).

Compreender a cidade nessa dimensão pedagógica é reconhecê-la como um meio em que a escola está inserida; a cidade não terá o papel de substituir a escola na formação educativa do aluno, ela é o objeto de estudo que dinamizará a prática docente e tornará a Geografia mais significativa. A Geografia escolar, portanto, contribui, desse modo, para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares. A vida em sociedade é dinâmica e o espaço geográfico expressa as diferentes contradições, como as que ocorrem em relação aos ritmos estabelecidos pelas inovações no campo da informação e da técnica e as alterações no comportamento e na cultura da população dos diferentes lugares. Além disso, devemos considerar a dimensão temporal na cidade: observam-se diversos elementos em que o tempo pode ser percebido, tanto no que se refere ao cotidiano quanto na natureza, pois o modelado do relevo, as avenidas e ruas, as indústrias e os campos, por exemplo, revelam em suas formas, simultaneamente, o passado e o presente. Todas as dimensões presentes na cidade resultam do processo de produção e de organização do espaço geográfico, analisado a partir das relações sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais. No espaço geográfico encontramos objetos técnicos, transformados ou não; nele há relações simbólicas e afetivas, que revelam as tradições e os costumes.

Nesse contexto, ao observar os elementos que compõem o espaço vivido, o aluno perceberá a dinâmica das relações sociais presentes na organização e produção desse espaço, bem como o significado do processo de construção de sua identidade individual e coletiva. Nesse sentido, o estudo da Geografia auxilia na formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na consciência de que somos sujeitos da história; nas relações com lugares vividos (incluindo as relações de produção); nos costumes que

resgatam a nossa memória social; na identificação e comparação entre valores e períodos que explicam a nossa identidade cultural.

Dessa forma, o olhar geográfico do aluno pode ser estimulado ao comparar diferentes lugares e escalas de análises, possibilitando superar a falsa dicotomia existente entre o local e o global, superando o senso comum na ordenação concêntrica dos conteúdos geográficos, que acaba gerando um discurso descritivo do espaço geográfico. Nesse caso, destacamos a importância de se estabelecer relações entre essas escalas, criando condições para que o aluno ordene os espaços estudados, comparando os fenômenos geográficos, ampliando a idéia de escala.

Essa idéia se reforça, com as assertivas de alguns autores, como Callai (2003) e Batllori (2002, p. 11), que chamam a atenção sobre a importância de se eleger uma escala de análise e em seguida outra, para que o aluno consiga explicar o processo de generalização dos elementos e fenômenos de uma área, porque em função da escala pode-se perder a noção de conjunto ou de detalhes do que está se estudando.

A interpretação dos fenômenos geográficos ganha significado quando o aluno entende a diversidade da maneira como se dá a organização dos lugares, quando compreende o conceito de território. Por isso reafirmamos que a leitura de mapas e a elaboração de mapas cognitivos são imprescindíveis para a compreensão do discurso geográfico.

Destacamos, ainda, que não se trata de ensinar a cidade de modo tradicional, apenas definindo lugar e sociedade local. É preciso ter em conta todos os aspectos que estabelecem a organização da cidade, as relações entre os diferentes lugares, a cultura dos grupos sociais, a economia e o processo histórico que operam em múltiplas escalas.

Trata-se de criar espaços de encontros e análises junto com os membros das comunidades, que despertem a curiosidade para o saber e que superem as práticas pedagógicas que reproduzem esquemas rígidos de aprendizagem. Todas as cidades educam, à medida que a relação do sujeito, do habitante, com esse espaço, é de interação ativa e dialética, e suas ações, seu comportamento e seus valores são formados e se realizam com base nessa interação.

Porém falar em cidade educadora no contexto do ensino de Geografia significa destacar a possibilidade de, pela mediação da escola e do trabalho escolar com a Geografia, viabilizar esse projeto, objetivando com essa mediação a formação de cidadãos que conheçam, de fato, a cidade em que vivem, que compreendam os lugares como locais produzidos segundo projetos sociais e políticos determinados e que, sendo assim, sua participação nessa produção é viável, desejável e pode contribuir para que seja garantida nela a melhor vida coletiva possível. O desafio que se coloca então é como interligar os aspectos teóricos, os resultados empíricos da pesquisa realizada nas três cidades e os encaminhamentos pedagógicos num contexto da geografia escolar. Neste sentido é fundamental discutir os currículos da formação do professor, aprofundar a discussão sobre cidade educadora e articular a essas questões a produção de metodologias que permitam avançar no ensino da Geografia. Isso tudo, por entendermos que esta é uma disciplina

escolar capaz de contribuir na formação dos jovens do século XXI.

Referências

- BATLLORI, Roser. La escala de análisis: un tema central en didáctica de la geografía. *Las Escalas Geográficas*. n. 32 Graó, Íber, Barcelona, 2002.
- BERNET, Jaume Trilla. *Outras educaiones: animación sociocultural, formación de adultos. Y ciudade educativa*. Barcelona, Anthropos, 1993.
- _____. Ciudades educadoras: bases conceptuales. In: _____. ZAINKO, M. A.S. (Org.). *Ciudades educadoras*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 1987.
- BLANCO, J.; GUREVICH, R. Uma geografia de las ciudades contemporáneas: nuevas relaciones entre actores y territorios. In: ALDEROQUI, S. e PENCHANSKY, P. *Ciudad y ciudadanos*. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2002.
- CALLAI, Helena Copetti. O Estudo do Lugar e a Pesquisa como princípio da Aprendizagem. *Espaços da Escola*, nº47, Ijuí, jan. mar./ 2003a.
- _____. Do ensinar geografia ao produzir o pensamento geográfico. In: REGO, Nelson et al (Org.). *Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003b.
- _____. A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino? *Terra Livre*, nº16, São Paulo, jan /jul. 2001.
- CARLOS, Ana Fani A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Contexto, 1992.
- CASTELLAR, Sônia M. V. A psicologia genética e a aprendizagem na Geografia. In: _____. *Educação geográfica: teorias e práticas docentes*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. O ensino de Geografia e a formação docente. In: CARVALHO, Anna Maria P. (Coord.). *Formação continuada de professores*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- _____. A formação de professores e o ensino de Geografia. *Terra Livre*. São Paulo, n. 14, 1999.
- CAVALCANTI, Lana de S. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia/Go, Editora Alternativa, 2002ª.
- _____. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano. In: CAVALCANTI, Lana de S. (Org.) *Geografia da cidade*. Goiânia/Go, Editora Alternativa, 2001, 235p.
- _____. Propostas Curriculares de Geografia no ensino: algumas referências de análise. *Terra Livre*. São Paulo, v. 14, p. 111-128, 1999.
- _____. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas/SP, Editora Papirus, 1998, 192p.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: Geertz, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Graal, 1989.
- HALL, S. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 1997.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço- técnica e tempo- razão emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

Recebido para publicação dia 05 de Abril de 2007

Aceito para publicação dia 18 de Maio de 2007